



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, RJ, 17 DE DEZEMBRO DE 2001

*Meu caro Carlos Arthur Nuzman, Presidente do Comitê Olímpico; Carlos Melles, Ministro do Esporte e Turismo; minha querida Márcia; Senhores Ministros; Senhores presentes; Senhoras; sobretudo os nossos atletas,*

Hoje é um dia de grande emoção para mim. Não sei se deu para reparar, mas, em um dado momento, quando vi a Maria Lenke, aqui, fui beijá-la. E vou dizer por que: nasci aqui, no Rio de Janeiro, nasci aqui, em Botafogo, na Rua 19 de Fevereiro, e passei uma parte da minha infância na Rua Bambina e, depois, na Voluntários da Pátria. Uma das minhas maiores emoções, quando menino, foi aqui, no Clube Guanabara, onde eu tentava aprender a nadar. Não consegui mais do que bater pé.

Mas vi, lá, a Maria Lenke – ela já era uma deusa, era uma heroína para todos nós –, e, agora, a vejo aqui. E continua sendo uma deusa, uma heroína para todos nós.

Isso mostra quanto acerto há na decisão do Comitê Olímpico de homenagear não apenas os que hoje nos orgulham com sua capacidade esportiva, mas aqueles que, há muito tempo, desde 1920, vêm brilhando no seu empenho na vida esportista.

Foi uma tarde bonita esta. Que esta recuperação da história e este sentimento que temos todos dessa história, hoje, continue com muita força.

Ao ver agora, aqui, os recentes homenageados, vê-se quanto o Brasil tem de potencialidade esportiva, olímpica, e como isso é importante. Primeiro, aquilo que sempre gosto de ver: este Brasil multicolorido, este Brasil em que todos nos sentimos irmãos, iguais, com essa enorme quantidade de variação de cor de pele, de origem racial, de origem cultural, de origem dos estados, até mesmo de origem social. Isso é muito bom, é muito positivo, porque é assim que se forma uma nação, se cria com esse sentimento de coesão, de solidariedade, especialmente no caso dos esportes olímpicos. Há muito a aprender com eles.

Ninguém chega lá sem muita disciplina. Vale a pena ter disciplina. Aqueles mais idosos – dá inveja –, firmes, fortes, bonitos, porque lutaram, quando jovens, aprenderam a ter um estilo de vida que é morigerado, por um lado, que obedece regras, mas, sobretudo, que tem objetivos, que deseja chegar a algum lugar. Isso continua nos mais jovens.

Isso é um exemplo para todos nós brasileiros. Essa disciplina, essa capacidade de trabalhar junto, essa vontade não de esmagar o outro, mas de, esportivamente, superar o outro. Mas não é por superar o outro – é para ter o prazer de superar-se a si mesmo e, sendo cada um de nós parte da humanidade, é mostrar até que ponto, como ser humano, podemos ir e que sempre podemos ir um pouco mais longe.

Esse é um exemplo que o esporte olímpico dá a todos os brasileiros. É um exemplo de cidadania. É um exemplo de uma responsabilidade que se cumpre individualmente, mas que, ao cumpri-la individualmente, nós, ao mesmo tempo, estamos agregando. Tem que se ter o outro para que possamos ter algum elemento de comparação, alguma referência. O esporte leva, necessariamente, ao outro, à coesão, à sociabilidade.

Por outra parte, tudo isso se faz em um ambiente de competição que requer respeito. Ganhou, ganhou. Perdeu, perdeu. O importante é competir. O importante não é esmagar. O importante é competir. Para isso, é preciso que haja certos valores – valores de respeito, de sociabilidade e um valor que, hoje, é fundamental que nos recordemos dele como uma coisa necessária: a paz.

O esporte leva à paz, leva ao respeito. Vê-se a diversidade, compete-se entre pessoas, entre nações, mas se deseja, no fundo, a mesma coisa. E essa mesma coisa requer que exista paz.

Em um mundo de turbulências como o que vivemos, de intolerância, de vontades, às vezes unilaterais, de desprezo pelo outro, o esporte olímpico é uma espécie de revivescência do que há de melhor no ser humano e na sociedade.

As Olimpíadas e esse esforço que fazemos, o dia inteiro, essa disciplina, essa vontade de superação, dentro de um contexto de paz, de harmonia, são muito importantes como valor para a sociedade brasileira. É por isso que estamos todos empenhados em prestigiar o Comitê Olímpico.

Aqui, quero fazer um agradecimento ao Nuzman. Ao falar do Nuzman, ao agradecer ao Nuzman, agradeço ao Bernard, agradeço a todos aqueles que colaboram com esse mesmo espírito, porque, se não houver essa mesma disciplina, essa mesma organização, essa mesma crença, as coisas não andam.

Foi por isso que fiquei satisfeito ao ouvir o nosso Ministro do Esporte e Turismo, de maneira direta, simples, dizendo o que ele está fazendo lá, atribuindo a mim o que não é meu, o que é de todos nós, porque sou apenas um instrumento da vontade do País. E o País quer avançar no esporte, quer avançar no prestigiamento dos seus melhores filhos e filhas que brilham no esporte.

É preciso também ver que esse esporte não é, simplesmente, um lazer – é mais que um lazer. Como já disse aqui, é também uma forma de solidariedade – o Esporte Solidário é expressão disso – e é uma forma de promoção social, de que nós tanto precisamos. Desenvolver, mais e mais, as capacidades do nosso povo, para que todos tenham acesso – inclusão, portanto –, para que estejam na escola, para que, na escola, sejam esportistas, para que tenham comida na escola, se for necessário, para que tenham, enfim, uma esperança concreta, que não é só palavra, mas é uma esperança que está embasada, já, numa existência de uma rede que permita mesmo àqueles que são os mais desprotegidos

encontrarem um caminho e, portanto, uma possibilidade de inserção melhor, democrática, na nossa sociedade.

É esse o caminho que está sendo traçado por todos nós no Brasil. Fizemos algo pelo esporte. Vê-se, agora – posso dizer, Senador? –, a Lei Piva. Ele briga comigo sempre, porque diz que a lei é minha e eu digo que é dele. O que vai se fazer? Nem é minha e nem é dele. É de todos nós. Aqui há outros Deputados de oposição que votaram juntos. A Lei Piva é do Brasil. E ele pensa no Brasil. Isso é o esporte.

De modo que tenho esse espírito que, realmente, quero agradecer muito. Só mesmo um Dunga podia fazer de mim, um canhestro, uma pessoa que, como eu disse, mal aprendeu a bater pé na piscina, que, quando nada, é muito desajeitado – sou obrigado a nadar para não ter dor nas costas, e o faço com regularidade, porque acho que é importante isso também –, mas só a generosidade do Comitê Olímpico faria de mim Personalidade Olímpica Brasileira.

Estou gratíssimo a vocês. Muito obrigado.

Esta noite é dos nossos esportistas, dos que ganharam medalhas, dos que não ganharam medalha, de todos os brasileiros que acreditamos no esporte olímpico mundial.